

À Declaração Universal dos Direitos Humanos,

A tua ausência é aquela que eu mais noto.

Como um doente, apenas reconheço a privação da saúde, no seio da enfermidade.

A supressão da luz, nas trevas da noite.

E a tua irrenunciabilidade, quando me despojam, me desnudam.

Contemplemos-te, admiremos-te a forma.

E concluamos teu manancial.

Caíram impérios coloniais, eclodiram duas grandes guerras,

e eis que surgiste tu, singela,

como a última materialização da última réstia de esperança.

Convençamo-nos que foram as cicatrizes nas almas dos soldados,

dos homens, das mulheres, dos velhinhos e da pequenada,

dos sobreviventes, dos debilitados, dos mortos,

dos arrependidos e não arrependidos que,

num cenário dantesco de mortandade,

motivaram tua elaboração.

És um todo-poderoso louvável,

mas não és um todo.

Fascinemo-nos com a universalidade,

a amplitude, o leque de direitos que a Declaração consagra.

Desprendamo-nos dos temas habituais,

de racismos, de sexismos, de crises políticas.

Não os desprezemos, mas aprofundemos

o sentido dos vocábulos

“Homem” (com “H” maiúsculo), “humano”,

“vida” e “vida digna”.

Esforcemo-nos por entender por que razão a Declaração é postergada, por vezes.

Quiçá espelho da imaginação fértil,

intocada e não maltratada de adolescente revolucionário,

ela insta a cogitar o real sentido da vida.

Viver é saber escutar outras línguas sem as querer traduzir,

pois a compreensão das diferentes vidas humanas,

na sua espontaneidade,

consagra-se com um simples sorriso,

uma simples lágrima.

É essa a universal língua humana,

é essa a génese da Declaração: o pranto,

a reposição da fé.

Não vos intriga que ela,
ou o que ela defende,
falhe, por vezes?
Não é por ser tarefa infrutífera, não vos iludais,
porque não o é.
Nem tampouco produto do insucesso burocrático.
Eis que a resposta me assombra a mente:
“Somos nós!”.
Nós, Homens,
os próprios remetentes e altíssimos destinatários
da Declaração, quem a força a fracassar,
a se incumprir.

Olhemos de relance e logo nos deteremos,
com um desdém sentido,
no artigo 16º, parágrafo 2º:
“O casamento não pode ser celebrado
sem o livre e pleno consentimento dos futuros esposos.”.
Artigo 23º, parágrafo 2º:
“Todos têm direito, sem discriminação alguma,
a salário igual por trabalho igual.”.
Artigo 28º:
“Toda a pessoa tem direito a que reine,
no plano social (...), uma ordem capaz de
tornar plenamente efetivos os direitos (...) enunciados (...).”.
A Declaração, na sua aplicação,
é perecível.
A irmandade malogra,
e nós deixamos que disputas internas
e a conspurcação da alma
(o desejo sádico de desprover os outros dos seus direitos)
minem todo o esforço de um pós-guerra pavoroso.

Consideremos, porventura,
que a Declaração cedo tencionou
ser venerada e adotada
na vasta parte do globo.
Não vos parece, por vezes,
que os Direitos nela discriminados
apenas se efetivam no Primeiro Mundo?
Nos países ocidentais?
Nos territórios tidos como “desenvolvidos”?
Nas terras agora politicamente mais pacíficas,
outrora as mais sofridas da Guerra?

Admitamos ainda que, mesmo nestes,
em pleno século XXI,
reconhecerem-se as nossas liberdades,
inalienáveis à nossa condição humana,
é ocasião falível e, por diversas vezes,
desatendida.
Como poderemos então,
filhos de um aclamado, mas irreal
“progresso social”,
ajudar, reagir direta ou indiretamente
às atrocidades mediáticas dos outros países?
Esses, sim, estagnados no tempo,
mergulhados na Época Medieval?
Porque até somos “bons samaritanos”,
porque seguimos, invictos, a nossa vocação.
Porque o verdadeiro auxílio na empregabilidade
dos Direitos Humanos advém das missões humanitárias.
Do voluntariado.
Da consciencialização, do contacto humano.
Não nos limitemos a movimentar o capital volátil,
plácida e confortavelmente instalados
nos nossos castelos de contos de fadas.
Respeitemos o carácter proativo e fraternal da própria Declaração.

Nela, é resumido o “óbvio”,
o que deveria ser “o óbvio”.
Desenganai-vos se julgais que,
por isso,
ela perde relevância e se inutiliza:
“o óbvio”, por mais óbvio que se assuma,
por vezes, tem que ser dito.

Parafraseando Álvaro de Campos:
a Declaração “Não é nada./ À parte isso,
tem em si todos os sonhos do mundo.”.

Constança Tito de Morais (12^o E)